

Uma professora de música

HISTÓRIAS DA MÚSICA BRASILEIRA

Caro mestre:

O ano musical despontou com brilhantes comemorações: cem anos do nascimento de Villa Lobos, noventa de Mignone, oitenta de Guarnieri, etc. Sem o amparo de uma data, reverenciarei todavia uma antiga professora, a quem milhares de pessoas devem, como eu, o desvendamento do mundo maravilhoso da música.

Era criança quando fui sua aluna na Escola Graduada de São Paulo, onde lecionava durante 29 anos, não exclusivamente, aliás, pois ensinava em vários colégios, como o "Rio Branco" e o "Ofélia Fonseca". Como outras crianças que com ela estudaram, retive inapagável impressão de sua personalidade. Seu encanto pessoal, aliado a admirável senso didático, magnetizava-nos a todos e operava milagres, impondo-nos uma concentração de espírito quase incompatível com a idade. D. Anita Guarnieri (ninguém conhece Anna Queiroz de Almeida e Silva) cultivava-nos com as histórias de Guido d'Arezzo em torno da breve, da semi-breve, das colcheias e das pausas. Em dois tempos organizava uma bandinha infantil. Sob o comando de sua batuta, rapidamente aprendíamos a ler as partituras e a extrair sons harmoniosos de guitarras, triângulos, pandeiros, flautinhas. O resultado de cada aula era sensível, esplêndido. Contagiados pelo entusiasmo da regente, sentiamo-nos importantes, embevecidos pela

magia do palco e pela beleza das músicas executadas. Éramos músicos!

Revejo a bonita e alegre figura da querida professora, com seus cabelos muito escuros e curtos, batom vermelho nos lábios sempre entreabertos num sorriso feliz. Como nos delectava seu canto! Além de cantar e tocar, ela dançava. Aos acordes de seu piano, fazíamos mil peripécias, embalados pela música.

Recordo a noite em que fomos à Escola assistir a uma apresentação dos professores. Com seu jeito único, sua voz lindíssima, de timbre inesquecível, e graça inimitável, trajando um belo vestido de tule verde-bandeira, d. Anita interpretou um punhado de canções brasileiras. Se lá estivesse, seu amigo Mário de Andrade teria vibrado com tanta brasilidade!

Tomei meu caminho na vida, mas d. Anita prosseguiu sua carreira inteiramente devotada à causa da iniciação musical das crianças. Fundou na rua México uma escola com seu nome. Firme e disciplinada ("Abençoada por Deus", como modestamente dizia) representou brilhantemente o Brasil em certames internacionais.

Faz alguns anos, procurei-a para confiar-lhe a iniciação musical de meus filhos, pois, se haviam de estudar música, a professora teria de ser ela, e mais ninguém. Assisti a uma aula sua sobre imposição de voz: com meia dúzia de palavras e uma pequena demonstração prática conseguiu extrair sonori-

dade musical de um bando de diabretes que, minutos antes, feriam os nossos ouvidos com suas vizinhas esganigadas.

D. Anita transferiu-se para Tremembé, deixando em São Paulo um imenso vazio. Lá, porém, no Vale do Paraíba, preencheu outro, prosseguindo seu labor educativo junto a mais de uma centena de crianças, muitas procedentes das cidades vizinhas, em busca de sua orientação competente e segura. Sei que ela continuará sempre fiel a si mesma e a seu ideal por todos os dias, feliz em semear alegria e incutir nas crianças as emoções mais profundas que só a música proporciona.

Assim é d. Anita Guarnieri. Guarnieri? "Sim, porque a 25 de janeiro de 1938, sob pétalas de rosas e ao som do Coral Paulista, que cantava uma ave-maria especialmente escrita pelo noivo para a ocasião, eu entrava na igreja de Santa Terezinha, em São Paulo, conduzida pelo braço do grande Mário de Andrade para casar-me com o compositor Camargo Guarnieri. Depois de usar um nome profissional durante 22 anos (hoje são quase 50), não se consegue mais arrancá-lo!

Nos anos de nossa música deve haver um lugar para o nome desta flor de Tremembé que, além de esparrizir o doce aroma da música, inspirou ao renomado maestro alguns de seus mais belos trabalhos — suas "Canções de Amor".

a/Luiz/Sawaya

M. L. Casanova

O silêncio da cantora

HISTÓRIAS DA MÚSICA BRASILEIRA

Caro mestre.

No fim de outubro, vim a saber da morte da admirável artista que cultuei, por longos anos, como a Deusa das Modinhas. O impacto da notícia foi tal que reletei em dar-lhe crédito. Nada lera a respeito nos jornais! Nem uma nota na televisão! Liguei para sua casa, no Rio, e sua filha, Miriam Peracchi, confirmou o trágico evento. Lenita falecera em agosto.

Desde o lançamento do disco "Por toda minha vida", em que ela interpreta músicas de Jobim e Vinícius, ouço-a encantada. Nesse velho LP, as canções que alcançaram maior popularidade, como Eu sei que vou te amar, Eu não existo sem você, e a que dá título ao disco, estão registradas em sua forma mais pura; as interpretações de Estrada branca e Modinha são esplendorosas; a do Soneto da separação, inexprimível; uma dor silente resuma de sua voz na Valsa de Orfeu!

Anos depois, a mesma empresa gravadora trouxe a público as "Modinhas fora de moda", com peças clássicas do gênero, também fixadas com mestria: várias "modinhas

imperiais", Conselhos, de Carlos Gomes, Trova (opus 29, nº 1), de Nepomuceno, Foi numa noite calmosa, Se os meus suspiros puderem e a Canção da felicidade, de Barroso Netto.

Lenita Bruno personificava meu ideal de interpretação de modinhas. Cantava como eu gostaria de cantar... Suas interpretações são a fonte límpida em que busco luz para o meu canto. Em 1963, tive a ventura de me aproximar pessoalmente de Lenita. A Fuararte movia um espetáculo sobre "O Mundo Musical de Mário de Andrade", aliás transportado depois para discos. Senti, então, pela primeira vez sua presença física, que agora se evolui. Observei, enleada, seus gestos, seus suspiros, seus ss e rr charmosamente cariocas. Para coroar seu imenso talento, Lenita era uma mulher muito bonita. Fim do espetáculo, subi ao palco, desagarinhei, retardando um momento longamente esperado, e abracei-a, vibrando de emoção. Ficou surpresa e, por amabilidade, disse não saber que havia, na Paulicéia, uma carioca tão cativa de sua arte.

Dai por diante, trocamos cartas e telefonemas, disqueteamos e divagamos sobre músic-

ca, interpretação, modinhas, suas canções prediletas. Até no falar sua voz guardava a suavidade indizível de seu canto!

Lenita Bruno nasceu a 8 de janeiro de 1916. Seu compositor favorito era Nepomuceno e a canção mais amada, a Trova. Foi ela quem escolheu a melodia para o "Soneto da separação", entre as três que Tom Jobim lhe apresentara. Ao fazer esta revelação, acrescentou espantada: "E eu, que não sei o que fiz com as outras duas!... Contou-me, com tristeza e uma negra de revolta, que a matriz desse disco foi destruída por motivo de disputas e brigas. (Quem tiver um exemplar do mesmo, que o guarde como relíquia!)

Não tem esta cartinha o intuito de prestar a Lenita Bruno a homenagem que merece. Ficaria feliz se outros procurassem ouvir seus discos, que honram e dignificam a canção brasileira. Como disse Tom Jobim: "Assim como o pássaro é aparelhado para o voo e instintivamente conhece a velocidade do vento, a disponibilidade dos espaços e o perigo dos obstáculos, assim canta Lenita Bruno".

a) Luiz Sawaya

Marlo L. Casanova